

## TRANSFERÊNCIA CULTURAL: A EDUCAÇÃO NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO

*Nilson Joseph Demange\**

**Resumo** O texto procura destacar alguns dos principais problemas da transferência cultural e educacional em vários países latino-americanos no processo de globalização mundial. Para tanto, destaca historicamente a exclusão social e cultural da maioria da população até os dias atuais. A partir dessa análise propõe alguns referenciais para as políticas de transferência cultural e de formação educacional.

**Palavras-chaves:** Transferência cultural; globalização cultural; educação globalizadora.

**Abstract** This paper attempts to explore some of the main problems of educational and cultural transfer in several Latin American countries under the world globalization process. In this context, the paper analyzes the historical, social and cultural exclusion of the majority of the population until today. Based on this analysis, the study makes some proposals related to the policies of cultural transfer and educational formation.

**Descriptors:** Cultural transfer; cultural globalization; globalized education.

Tem sido uma constante nos países da América Latina a transferência de modelos políticos, econômicos, administrativos e educacionais de outros países, na expectativa da solução ou contemporização dos problemas existentes. Esse comportamento envolveu de uma forma especial também a educação através da história.

As recentes tendências da internacionalização da economia em escala mundial, expressas pela globalização e regionalização, tem trazido a busca de reflexões sobre a adaptabilidade do "modelo japonês", por exemplo, ou daquilo que nele se refere a "qualidade total". Mesmo na Educação encontramos cada vez maior produção de textos e cursos nesse sentido, como uma nova "onda" de soluções possíveis vinda dos modelos e tecnologias de países desenvolvidos.

A problemática da transferibilidade desses modelos deu origem a tentativas de avaliação crítica ou simples resistência por parte de pessoas ou movimentos organizados nesse sentido. Estes se

confundem, historicamente, muitas vezes, com aqueles que em outra época ousaram questionar as diretrizes vindas de fora desde o período da colonização. Mas, além da mera resistência ou oposição, permanecem as questões de fundo sobre as relações sociais e culturais existentes entre nós e sua adequação às transferências pretendidas.

Essas questões tornam-se mais complexas na medida em que consideramos a existência de inúmeros países latino-americanos nos quais a heterogeneidade, originada pela diversidade étnico-cultural ou pela desigualdade social, aponta para características concretas da formação social bem diferentes das existentes nos países originários dos modelos.

A consciência dessa realidade é uma base fundamental para discernirmos aquilo que em face das situações concretas existentes na América Latina pode ser assimilado no contexto atual da globalização e regionalização em que estamos envolvidos.

\* Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP

A fundamentação e contextualização histórica dessas considerações serão discutidas a seguir.

### **Contexto histórico da luta pela modernidade**

Nos dias atuais, como em muitas ocasiões no passado, as nações latino-americanas defrontam-se com o desafio de assimilar e desenvolver padrões culturais modernos que lhes permitam acompanhar as conquistas científico-tecnológicas e político/econômicas ocidentais. As condições de sua origem colonial deram início em muitas delas a problemas étnico-culturais e socio-econômicos que permanecem ainda atualmente.

Estes problemas têm dificultado, para a maioria de sua população, alcançar o desenvolvimento dos padrões modernos pretendidos. Vários deles ligam-se diretamente à educação.

Os problemas de uma língua oficial e dos costumes ou aculturação que foram impostos pelos colonizadores, ao mesmo tempo da exploração econômica, envolveram inicialmente os indígenas e os africanos escravizados, de forma a excluí-los dos benefícios das sociedades latino-americanas em formação. Essa exclusão afastou a possibilidade de serem organizados, na maioria das novas nações que surgiram, sistemas educacionais modernos para oferecerem uma educação básica a toda população. O acesso à educação e a qualidade do seu ensino tornaram-se em algumas delas, ainda atualmente, um privilégio para poucos.

A violenta exclusão social que tem orientado as elites econômicas, políticas e culturais de vários países da América Latina foi expressa, quantitativamente, em um estudo internacional comparado realizado pela UNICEF, recentemente, e agora divulgado no Brasil (*Folha de S. Paulo*,

31/07/94). Este estudo comparou o desempenho educacional de 129 nações do mundo atual. Essa comparação considerou a correspondência maior ou menor existente em cada um deles entre a educação e o desempenho econômico. "Pelo potencial econômico brasileiro (PIB/População), 88% das crianças matriculadas no primeiro grau deveriam concluir pelo menos a 5ª série.

Com base em dados fornecidos pelo Ministério da Educação, a lista da ONU informa que apenas 39% chegam a esse estágio. Com isso, o país ficou com um índice negativo de 49 pontos" (*Folha de S. Paulo*, op. cit.) em relação à média internacional. O desempenho nacional da educação básica brasileira colocou-se assim em último lugar numa relação geral entre esses países. O Brasil obteve também o pior índice entre oito países latino-americanos com índices negativos referentes a matrículas no 2º grau, entre 1965 e 1987. Foram eles em ordem ascendente: Brasil, Venezuela, Guatemala, Paraguai, Haiti, El Salvador, Costa Rica e Honduras (*Folha de S. Paulo*, op. cit.).

Esta situação torna-se mais grave quando, num sistema de economia de mercado, os menos qualificados tendem a receber os menores salários e a dispor do menor poder aquisitivo. O que diz respeito, principalmente, àqueles que têm sido lançados ao mercado de trabalho, mesmo em regiões mais desenvolvidas, sem terem recebido as qualificações mínimas esperadas modernamente de uma educação básica. Visto de outra forma, os baixos recursos efetivamente aplicados pelo Estado na educação em vários países latino-americanos tendem a manter neles a exclusão social ainda existente. Deixam assim de assegurar também as condições de boa qualificação que permitiriam a essas crianças acompanhar o nível educacional alcançado em um grande número de nações do mundo atual.

As dificuldades existentes em vários países da América Latina de assimilarem padrões modernos de educação não estão ligadas somente a problemas político-econômicos. Elas tem origem também na exclusão étnica e educacional já referidas. Outras formas ainda, e padrões culturais de exclusão foram sendo desenvolvidos, como os que surgiram através do agrupamento exclusivo dos cidadãos segundo os seus interesses corporativos. Desenvolveram-se, assim, as atitudes e interesses excludentes defendidos por políticos, empresários, profissionais liberais, trabalhadores especializados, proprietários de escolas, docentes, etc. A falta de integração entre a defesa dos interesses dos diversos grupos envolvidos e os da maioria da população inviabilizou cada vez mais a implementação de políticas de interesse comum, como as relativas à educação e a saúde para a maioria da população. Exemplos disso foram as dificuldades para se chegar a um acordo político sobre reforma do sistema educacional, tanto na Argentina como no Brasil, após um longo período de exclusão social mantida pelos regimes militares.

### **Expansão global dos sistemas modernos**

O processo de internacionalização mundial do sistema de mercado expandiu-se, em meio às crises econômicas e políticas que envolveram vários países latino-americanos, nas duas últimas décadas. Expandiram-se junto com ele os sistemas de comunicação e de industrialização baseados em novas tecnologias, principalmente, de micro-eletrônica e informática e de organização e automação.

Com o fim da Guerra-Fria este processo de expansão adquiriu um conjunto de características mundiais que constituem hoje o que é chamado globalização. A expansão dos sistemas internacionais transformou-se

em global, na medida em que passou a envolver todo o mundo.

As implicações da intensa competitividade criada por esse processo estenderam-se sobre a esfera político-econômica, atingindo também a cultural e principalmente a educação em todos os países. Isto porque estes passaram a estar sujeitos a um envolvimento global e imediato, em diversas conjunturas de crise ou prosperidade internacionais.

Neste contexto foram fortalecidos os já existentes sistemas de integração regional defensivos (por ex., Comunidade Econômica Européia) e criados outros novos (por ex., ASEAN - Association of South-East Asian Nations; MERCOSUL - Mercado Comum do Sul; e o NAFTA - North American Free Trade Agreement). Esses sistemas, além de garantirem facilidades comuns aos países envolvidos, permitem o apoio político-econômico e cultural, em face dos padrões de competitividade e expansão internacionais.

Temos aí o cenário mais próximo e imediato em que deve desenvolver-se a integração progressiva entre os países latino-americanos. Os sistemas modernos internacionais ampliaram-se de uma tal forma que deixou de ser uma opção para esses países aderirem ou não a eles ou ficarem sozinhos. Ao invés disso, esses sistemas regionais tornaram-se uma saída estratégica necessária para sua sobrevivência em meio à globalização do mundo atual. Os parâmetros de produção, comunicação e política internacionais tornaram-se uma referência também necessária para todos os seus grupos de interesses; sejam eles regionais, nacionais ou locais. Daí porque a formação educacional dos seus integrantes precisa ser necessária e progressivamente redimensionada.

Já não basta as novas tecnologias serem assimiladas ou criadas para um mercado

nacional e local. As demandas de criação de conhecimentos e de novos produtos e processos abrem-se, progressivamente, para o mercado regional e mundial. Será cada vez mais difícil a qualquer país sobreviver modernamente, sem atender às novas necessidades de educação, de produção e de organização social que o habilitem a participar das comunidades internacionais em desenvolvimento.

Este mesmo raciocínio aplica-se ao redimensionamento da formação educacional necessária e adequada aos cidadãos, profissionais e diversos grupos culturais que integrarão esse novo contexto. Os seus indicadores de qualidade de vida e produtividade terão como referência, cada vez mais, os padrões desenvolvidos por outros povos e nações.

Não há como ignorarmos na América Latina os acordos internacionais já estabelecidos e prazos que vem sendo cumpridos das diversas fases de formação do MERCOSUL. O número de países que iniciaram esse processo (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) já tende a ampliar-se (com Chile e Bolívia). Da mesma forma ampliam-se as negociações com os membros do Pacto Andino. Por outro lado, as repercussões da adesão do México ao NAFTA alertam para a aceleração desse processo de integração regional. O mesmo já ocorreu entre os diversos países asiáticos e o Japão. Todos eles tem como referência anterior e bem sucedida a formação e desenvolvimento da Comunidade Econômica Européia.

Será importante perguntarmos nessa situação: Que padrões educacionais poderão ser desenvolvidos em benefício dos mais amplos setores da população latino-americana? Como prepará-los para participar de forma bem sucedida, livre e criativa do processo de globalização e regionalização que se desenvolve?

### **Formação educacional globalizadora**

A crise e segmentação do sistema parcelar de trabalho e a instrumentalização generalizada dos valores humanos colocam como prioritário um novo padrão de desenvolvimento, tanto produtivo como cultural, para o processo de integração latino-americano.

Nesse contexto não tem sentido a subordinação sistemática do social ao econômico e nem é sustentável fazer-se o contrário. O discernimento sobre como compor essas prioridades humanas a serem atendidas depende de um profundo e amplo desenvolvimento educacional que envolva todos setores da população. Esse discernimento poderá tornar-se um critério seguro, então, para a formulação e execução dos programas de integração em todos os seus níveis.

Não bastará o desenvolvimento de uma educação racional estratégica para criar habilidades objetivas de sucesso através da competitividade. Os valores modernos da igualdade, da solidariedade e da liberdade apontam para a necessidade de desenvolvermos também novos padrões de comunicação, reconhecimento e satisfação global das necessidades humanas.

O sistema educacional, como um dos principais sistemas de comunicação que atua no âmbito técnico-científico e cultural, necessita desenvolver também o discernimento crítico e a ação participativa necessários ao processo de integração latino-americano. Com esse objetivo será necessário um novo curriculum escolar capaz de ultrapassar quaisquer fronteiras, aproximar os mais variados interesses e estimular as mais diversas criatividades.

Não tem sentido nesse contexto a adoção *direta e imediata* de modelos econômicos, políticos ou educacionais desenvolvidos e praticados por outros povos ou regiões. Tanto os seus aspectos instrumentais e

estratégicos como os culturais e comunicativos precisarão ser reconsiderados, em face do contexto existente quanto a esses aspectos no local, país ou região em que se pretenda adotá-los. A adequação de apenas um desses aspectos poderá inviabilizar ou distorcer sua possibilidade de assimilação.

A produção técnica e cultural de um povo ou nação tende a expressar a identidade existente entre os seus membros e as formas de vida social ali existentes. A transferência cultural ou técnica dependerá de sua adequação às formas concretas de vida existentes nos aspectos onde seja realizada. A sensibilidade e percepção sobre isso, em cada sociedade, cada vez mais dependerá da abertura e flexibilidade dos novos padrões de formação educacional globalizadora. Estes deverão permitir a análise e o discernimento necessários em relação aos sistemas globais de produção, comunicação e organização política existentes no mundo atual.

Dessa forma, a aceitação da diversidade cultural e das formas de vida existentes entre os vários povos e etnias não inviabiliza necessariamente a realização de projetos modernos de integração regional. O processo de desenvolvimento educacional globalizador que tende a acompanhá-los

deverá permitir também o discernimento e a criatividade necessários ao pluralismo entre os povos.

### Bibliografia

- Almeida, P. R. (1993). *O MERCOSUL no Contexto Regional e Internacional*, SP: Ed. Aduaneiras.
- Carvalho, R.Q. (1994). Capacitação Tecnológica Limitada e Uso do Trabalho na Indústria Brasileira. *Revista São Paulo em Perspectiva*, Vol. 8, nº 1.
- Demange, N. J. (1991). Modernidade e Educação na América Latina, *Revista Pró-Posições*, 2(6), nov.
- Demange, N. J. (1994). *Internacionalização e Pesquisa Social no Japão sobre a América Latina*. Working Paper nº 12, Centro de Estudos da América Latina, Universidade de Nanzan, Nagoya, Japão.
- Feartherstone, M. (1990). *Global Culture*. Londres: Ed. Sage.
- Habermas, J. (1975). Técnica e Ciência como Ideologia, In *Os Pensadores*. SP: Ed. Abril Cultural.
- Habermas, J. (1989). *El Discurso Filosófico de la Modernidad*. Madrid: Ed. Taurus.
- Habermas, J. (1987). *Dialética e Hermenêutica: Para uma Crítica de Gadamer*. SP: L.P.M. Editores.
- Hirata, H. (org.) (1993). *Sobre o Modelo Japonês*. SP: EDUSP.
- Ianni, O. (1992). *A Sociedade Global*. RJ: Ed. Civilização Brasileira.
- Ortiz, R. (1994). *Mundialização e Cultura*. SP: Ed. Brasiliense.